

Covid-19: peritos explicam como desconfinaram os portugueses

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 11/05/2022

Meio: Expresso Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=224f27a3>

Livro traça a linha do tempo, o método de trabalho, a estratégia e as lições da pandemia. "Um tempo único" em que a população e o país estiveram, mais do que o desejável, sós

São páginas para voltar atrás e não esquecer o que é preciso levar para a frente: os ensinamentos da pandemia. Em livro, os autores das propostas de desconfinamento que serviram de base às decisões do Governo contam como tudo aconteceu e enunciam as lições aprendidas e a manter. "O caminho faz-se com todos. Se o país conseguiu controlar o vírus, isso deve-se aos decisores políticos a quem coube tomar medidas, aos especialistas que procuraram sempre ajudar a partir dos seus domínios de trabalho e, acima de tudo, aos cidadãos. A eles se deve tudo", lê-se.

Em formato digital e em acesso aberto, o livro, publicado pela Fundação Mestre Casais e pela UMinho Editora, é assinado por Raquel Duarte, Felisbela Lopes, Filipe Alves, Ana Aguiar, Hugo Monteiro, Marta Pinto e Óscar Felgueiras e será apresentado na sexta-feira, na Reitoria da Universidade do Minho, em Braga, na presença do primeiro-ministro e da ministra da Saúde. Os peritos a quem coube orientar os passos no caminho para a libertação da pandemia explicam as coordenadas: "O livro traça a linha diacrónica da pandemia, apresenta o método de trabalho, a estratégia para desconfinar o país depois da fase mais grave da doença e, no final, enuncia as lições que ficam desse tempo", é referido na nota enviada.

Felisbela Lopes, a perita em comunicação do grupo, explica a necessidade de pôr no papel aquele que é definido como "um tempo único". "É preciso criar memória de uma realidade que não tinha existido até então. Quase partimos do zero e, em alguns momentos, até estivemos à frente dos outros países. É importante salientar que foi a primeira vez que tivemos a experiência de ter a decisão política sustentada no trabalho de especialistas contínuo no tempo, ao longo de muitos meses", salienta a professora do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

Peritos não receberam qualquer remuneração

"Nunca nada igual fora feito numa linha diacrónica tão extensa, a sustentar a decisão do Governo. Inaugurou-se algo que é extraordinário." Trabalho esse que não foi remunerado: "O grupo trabalhou sem ganho extra. Fê-lo como contributo para a sociedade. E foi um trabalho pesado, em cima do tudo o resto, que também já o era muito", conta Felisbela Lopes. Outra das mudanças foi o "desenraizar dos pontos mais centrais", desde logo, de Lisboa, pois o grupo de peritos pertence ao Norte. "A primeira vez que estivemos fisicamente juntos foi para fazer a fotografia para a capa do livro. Estivemos centenas de horas, extensas, a trabalhar remotamente."

Encarregue da comunicação, precisamente onde as autoridades de Saúde mais falharam, a professora explica o sucesso no caso do grupo de peritos: "A estratégia foi muito simples. Definimos uma regra e foi cumprida até ao fim: Só falávamos no dia da reunião no Infarmed e depois para fazer todos os esclarecimentos e enviar a informação que fossem necessários até à reunião do Conselho de Ministros e parava nesse dia. Há um tempo dos especialistas e um tempo dos decisores e se falássemos fora de tempo, por exemplo após o Conselho de Ministros, iríamos ser comentadores e misturar os tempos." Além disso, "nunca deixámos ninguém sem resposta, nem que fosse para dizer que não respondíamos e porquê".

No livro, os peritos revisitam todas as áreas com participação direta na pandemia, dos cuidados primários aos hospitalares, à saúde pública ou ao poder político, por exemplo, avaliando o que correu bem e mal e que modificações devem prevalecer. "Embora as pandemias sejam imprevisíveis, a preparação adequada e o planeamento prévio ajudam a geri-las melhor. Foi isso que o este grupo fez, ao longo de vários meses, através de sustentados relatórios com medidas consideradas apropriadas a cada momento", lê-se.

Saúde pública "exausta"

No geral, são duas as áreas mais frágeis: a saúde pública e a cooperação internacional. Segundo os autores, "a saúde pública sai da pandemia exausta e com uma necessidade urgente de se reorganizar e fortalecer". Já no que respeita à ajuda entre países, considera que "o apoio global deveria ter sido maior". "Estivemos sempre atentos à situação mundial: que variantes estavam em circulação, que respostas eram desencadeadas, que resultados advinham...Todavia, esse olhar global não pressupunha o envolvimento em sinergias à escala internacional, porque essas não existiram". E deixam um alerta: "Nunca teremos sucesso enquanto não houver um apoio claro à escala planetária.

[Additional Text]:

Vera Lúcia Arreigoso